

ARTE

O Museu em panico

LOURIVAL GOMES MACHADO

E' tempo de dizer uma palavra acerca da crise que atualmente coloca em campos antagonicos os artistas e o Museu de Arte Moderna. Antes que me perguntem, direi que posso e devo interferir na questão, embora não seja artista, nem mais pertença aos quadros diretores da instituição. Nesse sentido, sequer protestarei direitos estatutarios ou alegarei títulos passados.

Sei muito bem o que, ao longo dos anos, dei ao Museu e á ainda sua Bienal. Nenhuma falsa modestia far-me-ia esquecer que, primeiro como diretor-artístico profissional, depois quando arrancado de meu sossego pelo desespero causado pela subita retirada de meu sucessor, e, afinal, na incômoda posição de diretor artístico integrado numa diretoria social, jamais me poupei, jamais medi meus esforços, seja pelos vencimentos na primeira fase, seja pelas minhas legítimas conveniências em todos os tempos. Não obstante, mesmo quando chegava ás fronteiras do sacrifício, como mais de uma vez cheguei, sabia que o que dava, e dava apenas por querer dar, era ao Museu e á Bienal que ainda é sua. A mais ninguém. Aliás, nunca reclamo compensação pelo muito ou pouco que dou.

Também desprezei a indigente manobra de provocação, semi-anonima como era de esperar, que primeiro tentou disfarçar o que de protesto havia em minha demissão, interpretando-a como mero gesto de quem "quer mandar", e depois passou a sussurrar que estuo "dando apoio aos artistas", como se, em o querendo, não esteja sempre livre para fazê-lo. Essas pontinhas de infantil instigação, como aquelas quotas de efetiva colaboração, tangem a uma esfera tão pessoal que, embora ofereçam boas oportunidades polemicas, prefiro deixá-las de parte. Não é isso que está em jogo. Ademais, não desejo concorrer para o bloqueio da ultima saída que nesta crise resta ao Museu e á Bienal ainda sua, porquanto só poderão salvar-se se souberem desistir do recurso ingenuo e esteril á forçada personalização de problemas afinal interessantes a toda a vida artística e cultural.

Mesmo assim, não só posso, como devo intervir no debate em curso, pela unica, simples e boa razão de ter sido o primeiro a propô-lo, num momento em que, não se enredando ainda o problema em complicações de fato, haveria tempo e meios de resolvê-lo sem abalos maiores. Foi perante a ultima "assembléia geral" do Museu, para a qual se convocara escassa duzia de socios, ditos "ativos" porém ignorantes da inteira verdade e dela malditos distantes peões que não queriam ou não podiam querer ouvi-la. Deles não poderia esperar uma verdadeira e completa reação, como é óbvio, mas sabia contar ao menos com sua atenção e probidade de seu juizo. Falei-lhes, por isso, do perigo de aniquilarem-se, por via de novos "estatutos" então propostos sem a minima delicadeza de uma justificação, os derradeiros vestígios de responsabilidade cultural e de orientação tecnico-artística do Museu, apenas para salvar a face do setor administrativo. Manda, contudo, a sinceridade declarar que jamais julguei possível ver concretizados, tão rapida e nitidamente, os perigos que então entrevia.

Quando os artistas se dirigiram ao Museu para apresentar uma grave denuncia e formular um honestissimo apelo, estava automaticamente obrigado a retomar aquelas primeiras considerações, mas, ainda assim, procurei não madrugiar nos debates. Esperei algum tempo, para deixar bem claro que os artistas não necessitavam de ajuda, nem serviriam a ninguém. E, também, na extremada expectativa de presenciar qualquer atitude dos responsáveis pelo Museu que indicasse o desejo de escaparem ao opio do clima de "petit comité" causador da asfixia duma instituição que, sem embargo da persistencia de algumas das primitivas raizes privadas, decididamente firmou-se no ambito do interesse coletivo e da destinação publica, ao qual, aliás, aspirou desde seu primeiro dia. Contudo, nada, da espécie, sobreveio.

Plantada na posição em que se refugiara desde a "assembléia geral", a direção do Museu só respondeu á limpida interpeação dos artistas com negações e ambiguidades reveladoras duma vaga consciencia de haver mesmo algo errado, porém, sobretudo, de uma obstinada ansia de negá-lo antes mesmo de saber melhor o que havia. Essa, a melhor interpretação dos dois frouxos comunicados que até hoje conseguiu emitir. Assim foi o primeiro no qual, fugindo ao seu minimo dever de justiça que era dar oportunidade de defesa ao acusado e ao mesmo tempo varrer a testada da instituição, a direção do Museu bastou-se com baralhar nomes, funções, decisões e, mesmo, as datas da folhinha. O segundo edito veio apenas para confirmar que na baralhada se depositavam as melhores esperanças e, também o desejo de não dar resposta clara e imediata aos artistas. Junte-se, a tudo, a artificiosa e transparente barreira de silencio que, projetada como habilissimo estrategema, só tem valido para transferir fatos, hoje publicos e notorios, á exclusividade de jornais de outras cidades, como se esta se sentisse comprometida e envergonhada, e á exploração da imprensa amarela, como se a materia, de tão escabrosa, fosse mesmo irreferevel.

Nunca, na longa historia de seus entendimentos e desentendimentos com os artistas, demonstrou o Museu uma tal incapacidade para dialogar á altura. E, para cumulo de sua infelicidade, em nenhuma outra oportunidade os artistas assumiram atitude tão clara e legitima para, com total elevação e desinteresse, defenderem objetivos de tal superioridade e cristalino sentido. Desta feita,

nada pedem para si, pois não se considerará como reivindicação em causa propria o minimo de segurança civil e de competencia artistica que pleiteiam da instituição, pois tais atributos devem pertencer e servir primeiramente a qualquer museu, que assim se chame. Desta feita, também, sobrepondo-se ás insinuações sentimentais, ameaçadoras ou blandiciosas, evitaram cometer qualquer desvio de orientação, qualquer equivoque de comportamento, qualquer excesso, salvo talvez o terem tardado tanto para exprimir seu ponto de vista.

Postados á porta do Museu, os artistas, contrangidos pelos acontecimentos a negar-lhe colaboração, pedem-lhe que ao menos seja o que seu proprio nome permite supor. E os do Museu, tomados do panico paralizante dos avestruzes, metem a cabeça no escuro e acanhado buraquinho aberto pelo incidente da denuncia que não souberam manejar, a fim de não ver o temporal desencadeado...

Mesmo em ocasiões tais cabe fazer justiça, inclusive aos que não se esforçam por merecê-la. Longe do que poderiam levar a supor as muitas personalizações mais ou menos emotivas e as inumeras provocações mediacres, para não falar do resto, em verdade não se deve procurar a causa desse panico apenas nos atributos pessoais desta ou daquela figura do drama pequenino mas decisivo. Entrelaçam-se no atual corpo diretor da instituição todos os fatores psicologicos característicos de todos os grupos humanos — da inocencia pretendida á real boa-fé, da acomodação tolerante ao desejo de colaborar, da maliciosa exploração interesseira ao efetivo desígnio de superar a crise — mas todos eles, como é fatal nas coletividades de qualquer porte, se escravizam ao denominador comum. E este, desde a famigerada "assembléia geral" que, aliás, só viera consagrar anterior subversão interna, passou a ser o sistemático desprezo dos valores artísticos, tanto incarnados nos homens, quanto objetivado nas realizações.

Consequentemente, um apelo dos artistas, longe de ser considerado como interessante á arte e á cultura, só pode ser recebido pelos do Museu como mais uma singularidade desses seres singularissimos. Sim, porque quando falta a nitida compreensão do que seja a arte, imediatamente se regride á visão burguesa do seculo passado e se reduz a vida artistica ao pitoresco aviltante das cenas de "La Bohème", cantada em italiano, por um conjunto nacional improvisado. Todo o interesse fixa-se, então, nos modos insolitos de vestir, comer, amar, beber (se possível, muito), de lidar com dinheiro etc. deste grupo estranho que, por vezes, pode estender aos olhos mais curiosos uma partitura, um poema ou um quadro, que não são contudo, senão outras tantas singularidades, exatamente da mesma ordem daquelas primeiras. E, como aquelas, pode-se a estas dispensar uma tolerante atenção, algum apoio material sobrando e, em casos extremos, o afago do vago companheirismo ocasional. Depois do que, espera-se pela gratidão devida...

Acontece, porém, que os artistas — em que pese o fato de alguns deles terem por vezes cedido a injunções desse tipo que se tornaram mais fortes que sua livre vontade — sabem muito bem que a unica característica capaz de distingui-los é o fato de criarem arte. Esperam, pois, que á sua arte, não a eles, se dispense tratamento e o acatamento específicos a que têm direito. E o esperam, antes de mais, dos museus que, como se convençionou há muito tempo, se destinam exatamente a abrigar as provas testemunhais da criação, realizados no passado ou tal como se elaboram no presente.

E' o que dizem, agora, ao Museu de Arte Moderna, porque afinal, ainda não desapareceram totalmente as muitas esperanças por ele despertadas ao longo de dez anos, e também porque julgam humanamente exequível dar-lhe estrutura adequada aos fins pretendidos. Assim, o que se ouve neste instante, apesar do propositado e frustrado mutismo dos responsáveis pela direção institucional, é pior do que o classico dialogo de surdos, é uma especie de tragi-comedia cujos papéis fossem antes trocados por um espirito maligno, de modo que o velho pai murmura as insensatas considerações do filho que se supunha um doidivanas, enquanto este, demonstrando imensa sensatez, pronuncia, com nitidez e autoridade, o discurso da sabedoria amadurecida. O coro, aturdido, cala-se.

Por isso mesmo, recusei-me a tomar a palavra, nesse debate, em nome de qualquer indefinido direito estatutario ou de qualquer indesejada compensação por serviços prestados. Falo, apenas, em nome da advertencia anterior. O que aí está é o fruto inevitavel e indistarcavel do terrivel erro de orientação e organização praticado no dia em que se resolveu passar, na diretoria do Museu o problema capital dos valores artísticos, inclusive a competencia dos diretamente responsáveis por eles, para depois das conveniencias pessoais e dos arranjos ditos administrativos. De inicio, acusei o erro, em nome duma farta experiencia adquirida enquanto busquei servir ao Museu e á ainda sua Bienal. Acuso, agora, suas consequências, ao mesmo titulo e isento do sadico prazer de registrar a confirmação de minhas previsões iniciais, mesmo porque, ultimamente, não me faltam motivos, e bem melhores, de satisfação. Acuso, sim, na ultima e desesperada tentativa de arrancar a cabeça do avestruza para fora do buraco, porque a tempestade, cá fora, continua. E continuará. É preciso, é urgente, enfrentar a irrecusavel opção: ou se superam as falsas personalizações e os frouxos estrategemas, adotando-se a disposição de atender aos artistas pela liquidação do "estado de coisas" que corajosa e desinteressadamente acusaram, ou a eles caberá, afinal, a ultima palavra. Que, entre outras poderá ser um simples e seco — Basta!